

## PASSIVAS EVENTIVAS NO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE

### EVENTIVE PASSIVES IN MOZAMBIKAN PORTUGUESE

Diocleciano Nhatuve<sup>1</sup>

Universidade do Zimbabwe/Universidade Eduardo Mondlane

Luís Isaiás Mavota<sup>2</sup>

Universidade Pedagógica de Maputo

**Resumo:** O objetivo deste estudo é descrever o processo de formação de passivas eventivas envolvendo verbos monotransitivos e ditransitivos por falantes de português de Moçambique. Os princípios da gramática gerativo-transformacional e as metodologias quantitativa e qualitativa são considerados na análise de dados. A base empírica é constituída por orações passivas construídas por um subgrupo de escolaridade média e um outro de estudante universitários que falam o português como segunda língua. O estudo empírico revela que, de forma geral, (1) a construção de passivas envolvendo verbos monotransitivos se conforma com o português europeu nos dois subgrupos; (2) no entanto, envolvendo os verbos ditransitivos, as realizações divergentes do português europeu superam as convergentes; e as tendências consistem (3) na construção de passivas dativas e (4) na preferência por elementos com traços [+Humano] e [+Animado] como sujeitos de frases passivas. Essas estratégias revelam-se como resultado do contato linguístico e da mudança da estrutura argumental dos verbos que se verifica no português de Moçambique. Entretanto, as novas realizações dessa variedade revelam-se sociolinguisticamente sistemáticas e estáveis.

**Palavras-chave:** Orações passivas eventivas; Português de Moçambique; Verbos monotransitivos e ditransitivos; Passivas dativas.

**Abstract:** This paper aims to describe the process of construction of eventive passive sentences involving monotransitive and ditransitive verbs by speakers of Mozambican Portuguese. Principles of generative-transformational grammar, qualitative and quantitative methodologies enlighten this study. Data comprise passive sentences written by subgroups of high school and University students who speak Portuguese as a second language. The study reveals that, in general, (1) speakers from the two groups form passive sentences involving monotransitive verbs according to the principles of the European Portuguese, however, (2) when ditransitive verbs are involved, construction of the passive sentences according to particular strategies surpass the sentences according to the grammar of the European Portuguese. In addition, (3) construction of dative passives stands out as the main tendency and (4) members, preferably, use [+Human] and [+Animated] elements as subjects of passive clauses. Linguistic contact and language change regarding objects of verbs are the main explanation for the tendencies identified. However, the new strategies of the Mozambican variety of the Portuguese language are socially and linguistically systematic and stable.

**Keywords:** Eventive passive sentences; Mozambican Portuguese; Monotransitive and ditransitive verbs; Dative passives.

<sup>1</sup> Doutorado em Linguística do Português (Universidade de Coimbra) e leitor de língua portuguesa na Universidade do Zimbabwe. Email: djrnhatuve@gmail.com.

<sup>2</sup> Licenciado em Ensino de Português (Universidade Eduardo Mondlane) e assistente de Português na Universidade Pedagógica – Maputo. Email: isamavota@gmail.com

**Submetido em 22 de setembro de 2020.  
Aprovado em 04 de fevereiro de 2021.**

## **Introdução**

A formação de frases passivas ancora-se em princípios da gramática gerativo-transformacional (CHOMSKY, 1965; 2014). No desenvolvimento da respetiva teoria, Chomsky estabeleceu os conceitos de estrutura da superfície e de estrutura profunda, cuja relevância, no âmbito de construção de frases passivas, se substancia no fato de as estruturas passivas corresponderem às estruturas da superfície que, em termos semânticos equivalem a determinadas frases ativas (cf. DUARTE, 2003; 2013). Nesse contexto, a transformação de uma estrutura ativa, por exemplo, numa outra passiva obedece a determinadas regras transformacionais que, em consonância com Keenan e Dryer (2006), não são necessariamente uniformes em todas as línguas do mundo, posto que a formação das frases passivas implica processos de transformação, de movimento e de topicalização de elementos sintáticos das estruturas ativas (cf. CHOMSKY, 1965; 2014; PERES; MÓIA, 1995; KEENAN; DRYER, 2006).

É nesse contexto que, considerando os pressupostos teóricos da gramática gerativo-transformacional, mais especificamente, os que governam a formação de estruturas passivas, intentamos, neste estudo, descrever os mecanismos de formação de frases passivas por estudantes e falantes de português de Moçambique (PM). Este objetivo mais geral consubstancia-se na identificação e comparação de comportamentos particulares de subgrupos de falantes de escolaridade média e superior. Esta estratégia de estudo nos permitirá avaliar os níveis de desenvolvimento de competências de transformação de frases ativas em passivas na passagem de um nível para o outro.

Considerando a diversidade de estruturas passivas possíveis em português (sintáticas ou perifrásticas, de *se* e adjetivais) (PERES; MÓIA, 1995; DUARTE, 2003), elegemos, para este estudo, o conjunto das chamadas passivas eventivas (passivas de *ser*). Os fatos de esse tipo de construções passivas ser predominante no uso do português por todos os subgrupos que constituem a amostra em estudo e de ser nesta área que se

observam, com maior expressão, estratégias de transformação de estruturas ativas em passivas que não se conformam com a prescrição da gramática do português europeu (PE) (cf. DUARTE, 2003) justificam a nossa escolha.

O estudo dos diferentes usos do português no mundo, e, de forma particular, em contextos onde essa língua tem estatuto de segunda língua, em processo de nativização (FIRMINO, 2008) – processo pelo qual se cria uma relação de identidade entre o falante e a língua – é deveras importante: por um lado, para a divulgação das diferentes realizações que emergem à medida que testemunhamos a expansão do português pelo mundo; por outro, para nortear as diferentes ações de ensino e aprendizagem. O estudo das passivas mostra-se pertinente na medida em que, para além de beneficiar projetos de expansão da língua, representa um contributo para a descrição do PM e para a identificação de tendências que podem ser consideradas típicas de falantes moçambicanos (cf. GONÇALVES, 2005; NHATUVE, 2017). Ademais, o conhecimento das tendências resultantes de diferentes estratégias inovadoras e de aspetos relacionados a realizações particulares permitirá ponderar sobre a funcionalidade de novas estruturas e de estratégias de ensino-aprendizagem a serem adotadas.

As questões que estão na base deste estudo intentam identificar a relação quantitativa das realizações de frases passivas em conformidade com o PE, se comparadas com as realizações inovadoras, particulares do PM. Para além disso, procuram resposta sobre o papel da natureza monotransitiva e ditransitiva dos verbos (verbos que selecionam um argumento interno – objeto direto (OD) – e verbos que regem dois argumentos internos – OD e objeto indireto (OI)) na ocorrência de realizações inovadoras de orações passivas. Finalmente, interessa observar, nas estruturas passivas à margem do PE, as tendências salientes no que diz respeito aos processos de transformação e movimento de elementos sintáticos.

As hipóteses que podemos avançar indicam que, (1) apesar de se observarem estruturas passivas divergentes em relação ao PE, que não devem ser ignoradas, as realizações conforme esta variedade superam, em termos quantitativos, as realizações divergentes. Entretanto, (2) estas estruturas à margem do PE ocorrem com maior frequência envolvendo verbos ditransitivos do que quando o verbo envolvido na frase ativa tiver apenas um argumento interno – OD. Finalmente, (3) em passivas de verbos ditransitivos,

devido à existência de dois objetos (direto e indireto) e devido à possibilidade, em algumas línguas *bantu* e em inglês, de um ou outro objeto do verbo ser transformado em sujeito da passiva, há maior probabilidade de ocorrência de orações passivas cujo sujeito resulta da transformação e do movimento do elemento que, na ativa, desempenha a função de OI.

## 1. Conspecto teórico

O uso da língua no dia a dia dos seres humanos permite contemplar vários aspetos que se inscrevem na teoria gerativo-transformacional desenvolvida decisivamente por Chomsky a partir dos anos 50 do século XX. As obras “Estruturas Sintáticas” e “Aspetos da Teoria da Sintaxe” de Chomsky (1957; 1965) foram marcantes no lançamento dos principais pressupostos dessa teoria. Concentrando as nossas atenções para a componente transformacional da teoria gramatical de Chomsky, e para melhor leitura dos mecanismos de formação de orações passivas, é imprescindível fazer referência aos conceitos de estrutura profunda e estrutura da superfície, significativamente descritos na obra de 1965.

De acordo com Chomsky, as frases que nós usamos para comunicar, que as ouvimos e as interpretamos, resultam, de forma geral, de operações transformacionais que se aplicam à estrutura profunda – resultado da componente sintática da gramática;

the central idea of transformational grammar is that they [deep and surface structure] are, in general, distinct and that the surface structure is determined by repeated application of certain formal operations called ‘grammatical transformations’ to objects of a more elementary sort<sup>3</sup> (CHOMSKY, 1965, p. 16-17).

Aliás, na obra “Estruturas sintáticas”, no capítulo 7 (com aportes no apêndice II), Chomsky (1965) apresenta uma série de regras transformacionais (referentes à língua inglesa) e sublinha o fato de, entre essas regras, distinguirem-se transformações obrigatórias, aquelas que resultam em sentenças básicas (*kernel sentences*) e transformações opcionais que resultam em sentenças não básicas (*non-kernel sentences*). Nesse contexto, o nosso objeto de estudo – as orações passivas – corresponde a estruturas

---

<sup>3</sup> A ideia central da gramática transformacional é que a estrutura profunda e a de superfície são, regra geral, diferentes, e que a estrutura da superfície é determinada por aplicação de certas operações formais chamadas “transformações gramaticais” de objetos mais simples.

da superfície (cf. PERES; MÓIA, 1995), resultantes de transformações não obrigatórias no português.

É preciso sublinhar, entretanto, que nem todas as línguas naturais têm mecanismos de formação de sentenças passivas (cf. KEENAN; DRYER, 2006), no entanto, isso não significa que as línguas sem passivas tenham um déficit de estratégias de comunicação. Elas recorrem a outros mecanismos que permitem expressar o que se veicula com sentenças passivas. As línguas com mecanismos de formação de orações passivas, por sua vez, não recorrem a operações transformacionais homogêneas (cf. DUARTE, 2003; ABRAHAM, 2006; KEENAN; DRYER, 2006).

Sabendo que a passivização não é um processo transformacional universal e não é homogêneo nas línguas com mecanismos de formação de sentenças passivas, a questão que se coloca é sobre o que torna uma sentença passiva: será o resultado do movimento e transformação do OD e do sujeito da ativa ao nível da estrutura da superfície? Ou será a transformação pela qual passa o verbo?

Para melhor entendermos o que torna uma oração passiva, é importante compreendermos primeiro os conceitos de passivas básicas e de passivas não básicas. De acordo com Keenan e Dryer (2006), são consideradas passivas básicas as estruturas sem o sintagma *por* (complemento agente da passiva) cujo verbo na ativa correspondente é transitivo e que indica uma ação (verbo eventivo), com um sujeito (agente) e um objeto (paciente)<sup>4</sup> (Exemplo 1 a.). Por sua vez, as passivas não básicas são as que apresentam um complemento agente da passiva (Exemplo 1b.) que, em conformidade com Keenan e Dryer (2006), não é determinante na construção da passiva pelo fato de muitas línguas apresentarem passivas sem agente e, quando é apresentado, tem carácter opcional e facultativo. Ademais, esses autores incluem, nas passivas não básicas, as passivas de verbos não transitivos, possíveis em algumas línguas, e as passivas de verbos ditransitivos (Exemplo 1c.).

### **Exemplo 1:**

- a. Muitas missangas foram compradas.

---

<sup>4</sup> Estas são as passivas mais frequentes nas línguas do mundo e todas as línguas que têm mecanismos de formação de qualquer tipo de passivas têm passivas básicas (KEENAN; DRYER, 2006).

- b. Muitas missangas foram compradas pelas meninas do interior.
- c. Um livro bonito foi oferecido à Maria pelo Paulo.
- d. Pintaram-se dez salas. (PERES; MÓIA, 1995) = Dez salas foram pintadas.
- e. As salas a pintar são várias. (PERES; MÓIA, 1995) = As salas a serem pintadas são várias.

Nesse contexto, vários autores apresentam os processos transformacionais que se operam na construção de frases passivas. De uma forma geral, embora possa haver algumas estruturas menos claras como as chamadas passivas de clítico (Exemplo 1 d.) e as passivas infinitivas (Exemplo 1 e.) – com equivalentes nas passivas perifrásticas, no caso de português (cf. PERES; MÓIA, 1995) - os autores indicam que o OD da ativa ocupa a posição do sujeito da passiva, enquanto o sujeito da ativa integra um sintagma *por* e é deslocado para a posição de agente da passiva. Sublinham, ainda, a transformação do verbo que recebe um auxiliar *ser* (no caso das eventivas) e é transformado numa forma participial (CHOMSKY, 1995; DUARTE, 2003; ABRAHAM, 2006; KULIKOV, 2006; GIVÓN, 2006).

Voltando, neste contexto, à pergunta sobre o que define uma estrutura como passiva, a consideração dos argumentos avançados por Keenan e Dryer (2006) na tentativa de distinguir as passivas básicas das não básicas, dos processos transformacionais apresentados pelos autores arrolados no parágrafo anterior e da existência de línguas que admitem passivas de verbos intransitivos, leva-nos a crer que os elementos externos e opcionais (sujeito, OI e agente numa sentença passiva) não são determinantes para a definição das passivas. É, portanto, a estrutura do sintagma verbal que determina o carácter passivo da oração (cf. KEENAN; DRYER, 2006).

Entretanto, a literatura disponível sobre a aquisição das passivas em diversas línguas reitera que o processo ocorre tardiamente (cf. DEMUTH, 1989; DEMUTH *et al.*, 2010, vs ESTRELA, 2012; 2013; GABRIEL, 2001; TEIXEIRA; OTHERO, 2018; entre outros). Aliás, as orações passivas representam *versões transformadas* das respectivas ativas, sendo, portanto, natural que o indivíduo desenvolva competência em orações ativas antes das passivas. Na explicação do fenómeno de aquisição tardia das passivas, sobressaem as

hipóteses *da maturação de habilidades linguísticas* (BORER; WEXLER, 1987) e a *hipótese da influência do input linguístico* (DEMUTH, 1989; DEMUTH *et al.*, 2010).

Os defensores da primeira hipótese argumentam contra a existência de uma ordem de *input* e que tal ordem condiciona a aquisição de diferentes aspetos linguísticos; opõem-se igualmente à *continuity hypothesis* (BORER; WEXLER, 1987) e, alternativamente, propõem e defendem a hipótese da maturação de algumas habilidades linguísticas em correspondência ao crescimento do indivíduo. Esses autores partem do princípio de que o cérebro humano (realidade biológica), em que se aloja o dispositivo inato de aquisição da linguagem, desenvolve-se acompanhando o crescimento da criança. Portanto, é a maturação da memória que permite que, a partir de uma certa idade, a criança adquira, compreenda, desenvolva e produza certas estruturas sintáticas, tal é o caso das passivas. Efetivamente, é essa hipótese que os autores consideram para a explicação do desenvolvimento tardio de orações passivas. Ademais, consideram que as passivas básicas (passivas curtas) são desenvolvidas mais cedo, se comparadas com as passivas não básicas (sobretudo as longas).

Por seu turno, Demuth (1989, p. 62), estudando a aquisição de estruturas passivas no sesotho – língua *bantu* falada na região austral de África, pondo em causa a hipótese maturacionista de Borer e Wexler, revela que, diferentemente do inglês, do português e de outras línguas, “sesotho provides no evidence [to support that] full passives are inherently (grammatically) more difficult to learn than short passives<sup>5</sup>”. A autora advoga que, mais do que a maturação de habilidades linguísticas – considerando que, em sesotho, as crianças adquirem cedo a sintaxe das passivas – a natureza do *input* a que a criança tem acesso condiciona a aquisição rápida das passivas. Na verdade, muito cedo, em sesotho, as crianças recebem *input* de estruturas passivas, o que, embora não facilite a reprodução deste *input*, ativa na criança a criatividade linguística envolvendo estruturas passivas.

Young Sesotho-speaking children have the practice they need to understand, and subsequently to produce passives in spontaneous speech. Thus it is the role that passives play in the grammar of a language and their consequent frequency of use that together provide a diagnostic for predicting when passives will be acquired in a given language<sup>6</sup> (DEMUTH, 1989, p. 68).

<sup>5</sup> O sesotho não apresenta evidências para sustentar que as passivas longas são necessariamente mais difíceis de aprender do que as curtas.

<sup>6</sup> As crianças falantes do sesotho têm a prática necessária para entender e, subsequentemente, produzir passivas em discurso espontâneo. Por isso, é a relevância das passivas na gramática da língua e a frequência do seu uso que permitem determinar o período da aquisição das passivas numa dada língua.

No que diz respeito estritamente ao português, a observação de frases apresentadas no exemplo 1 (a. – e.) permite-nos afirmar que essa língua admite as chamadas passivas básicas e também as passivas não básicas. Tomando em consideração a estrutura do sintagma verbal da passiva, identificam-se, em várias línguas, vários subtipos de orações passivas (cf. GIVÓN, 2006), contudo, em português, identificam-se apenas três, as passivas sintáticas (perifrásticas), as passivas de clítico e as passivas adjetivais (resultativas ou de estado) (DUARTE, 2003), não se podendo atestar a ocorrência de passivas morfológicas (frequentes nas línguas *bantu*, em que a passivização é feita com recurso a morfemas sufixais).

Havendo línguas que não têm mecanismos de construção de estruturas passivas, a língua portuguesa revela-se uma das que oferecem várias possibilidades de passivização. Além disso, os falantes dessa língua, encontrando-se em diferentes contextos geográficos, apresentam diferentes perfis sociolinguísticos. Esse fato propicia o acesso a estratégias diferentes na construção de sentenças passivas por diferentes falantes do português.

No que diz respeito à variedade europeia de português, num trabalho de doutoramento com o objetivo principal de compreender como se processam a aquisição e a compreensão de estruturas passivas, Estrela (2013, p. 176; 185; 200-202; 229) apresenta 4 estudos experimentais realizados com crianças dos 3 aos 7 anos, falantes do PE. Nesses estudos, a autora conclui que, de uma forma geral, (1) “há uma dificuldade generalizada com passivas nos estádios iniciais”, entretanto, “não [se observam] diferenças significativas entre a interpretação de passivas longas e de passivas curtas, [o que indica que as crianças não recorrem] a uma interpretação adjetival das passivas verbais”; (2) elas não revelam dificuldades acentuadas na aquisição e compreensão das passivas com verbos agentivos, em oposição às passivas com verbos não agentivos (sejam curtas, sejam longas), isto é, há mais dificuldades no processamento das passivas com verbos não agentivos; (3) no subgrupo de idade mais avançada (o de 7 anos) observa-se melhor desempenho na distinção dos diferentes tipos de passivas).

Em conformidade com Estrela (2012), a idade é irrelevante no processamento das passivas não agentivas; enquanto nas agentivas e na distinção de eventivas, resultativas e estativas, a idade desempenha um papel preponderante. Portanto, de forma geral, a autora

advoga que a aquisição de passivas por falantes do PE acontece tardiamente (a partir dos 4 anos) em relação a outras estruturas sintáticas da língua, como é o caso da estrutura ativa.

Por seu turno, no português brasileiro (PB), destacamos os trabalhos de Gabriel (2001) e de Augusto e Souza (2017) sobre a aquisição e compreensão das orações passivas. No primeiro trabalho, a autora fez um estudo comparativo do processo de aquisição de construções passivas em português e inglês. O estudo envolveu crianças entre os 3 e 4 anos e, de modo geral, na aquisição de passivas quer em português, quer em inglês, as crianças revelam dificuldades no processamento de estruturas passivas se comparadas com os adultos. Aliás, nos grupos estudados por Gabriel (2001), entre os 3 e os 4 anos, as crianças ainda não produzem “passivas cheias” e dificilmente compreendem essas estruturas.

Augusto e Souza (2017), por sua vez, estudaram o uso de orações passivas na compreensão de enunciados de problemas matemáticos. Em conformidade com os autores, o uso de estruturas passivas em enunciados matemáticos dificulta a compreensão e a execução das tarefas ou dos exercícios propostos, como consequência da dificuldade de compreensão de estruturas passivas por crianças, tal como revela a literatura arrolada neste estudo.

Em outro estudo sobre as passivas do PB, Teixeira e Othero (2018) estudaram o processo de aquisição tardia de estruturas passivas e concluíram que, de fato, tais estruturas passivas são desenvolvidas mais tarde se comparadas com as ativas. Aliás, na tentativa de compreender a dinâmica da aquisição das passivas no PB, os dois autores consideram duas hipóteses: a maturacional (BORER; WEXLER, 1987) e a de influência do *input* linguístico (DEMUTH, 1989; DEMUTH *et al.*, 2010). No entanto, para Teixeira e Othero (2018, p. 3256), “os estudos em PB parecem indicar que a hipótese maturacional fornece uma explicação mais acurada para os dados da nossa língua”. O processo aquisitivo, segundo estes autores, obedece à sequência “Ativas - Passivas curtas com verbos de ação - Passivas longas com verbos de ação - Passivas curtas e longas com verbos de não ação” (TEIXEIRA; OTHERO, 2018, p. 3256).

Já em contextos em que o português é segunda língua, destacam-se os trabalhos de Gonçalves (2016) sobre as “construções ditransitivas no português de São-Tomé”, Gonçalves *et al.* (1997), Gonçalves (2005; 2010) e Nhatuve e Fonseca (2012) em que, de

forma geral, os aspetos de construção de sentenças passivas são estudados no âmbito da sintaxe do PM.

No que diz respeito à construção de estruturas passivas com verbos ditransitivos no português de São-Tomé, Gonçalves (2016) argumenta que o português é uma língua que não exhibe construções de duplo objeto, ou seja, de modo geral, essa língua não admite dois objetos de natureza nominal seguidos (cf. exemplos 2 a. e 2 b.) – um sintagma nominal com papel temático de Tema e um outro com o papel de Recipiente. Entretanto, a autora sublinha a conformidade do português de São-Tomé relativamente ao PE, no que tange à inexistência, em ambas as variedades do português, de passivas dativas (cf. exemplos 2 c. e 2 d.).

**Exemplo 2:**

- a. O Paulo ofereceu [SN Tema um livro] [SP/SN Recipiente à Maria].
- b. \*O Paulo ofereceu [SN Tema um livro bonito] [SN Recipiente a Maria].
- c. Um livro bonito foi oferecido à Maria pelo Paulo.
- d. \*A Maria foi oferecida um livro bonito pelo Paulo.

No entanto, no PM, estudos efetuados por Gonçalves (2010) atestam a ocorrência de construções de duplo objeto (cf. exemplo 3 a.), à semelhança do que acontece em algumas línguas *bantu*, como é o caso do *xangana*, *ronga* e *nyungwe* (exemplo 3 b. e 3 c), idiomas falados no Sul e Centro de Moçambique. Em consequência desta possibilidade, verifica-se, na variedade moçambicana de português, a ocorrência de passivas dativas (exemplos 3 d., 3 e. e 3 f.) (cf. GONÇALVES, 1990; 2002; 2005; 2010; GONÇALVES, *et al*, 1997; NHATUVE; FONSECA, 2012).

Nesse âmbito, sendo o português uma segunda língua do qual os moçambicanos se apropriam através do processo formal de ensino, parece que o comportamento descrito por esses autores é resultado de fatores intralinguísticos (na medida em que as passivas dativas são resultado da ocorrência, no PM, de construções de duplo objeto), de fatores translinguísticos/*cross-linguistic influence* (na medida em que as construções de duplo objeto bem como as passivas dativas no PM parecem ser resultado da influência das

estruturas das línguas *bantu*) e de fatores sociolinguísticos (na medida em que a proficiência em português depende sobremaneira do ensino-aprendizagem).

### Exemplo 3

- a. \*Os pais escondem os filhos a verdade. (Gonçalves, 2010, p. 100)
- b. Paulo anyikile [SN Tema buku] [SN Recipiente Maria]<sup>7</sup>.
- c. Paulo wapasa [SN Tema buku] [SN Recipiente Maria]<sup>8</sup>.
- d. \*Os jovens são dados responsabilidades de família. (Gonçalves, 1990, p. 79)
- e. \*O tal major foi explicado a situação militar. (Gonçalves *et. al*, 1997, p. 53)
- f. \*O professor é levado o livro pelo João. (Nhatuve; Fonseca, 2012, p. 153)

Portanto, a aquisição, a compreensão, o desenvolvimento e a produção de estruturas passivas em língua materna (e também em língua não materna), em conformidade com a literatura arrolada na revisão bibliográfica – excetua-se o caso de sesotho – revelam-se processos tardios relativamente ao desenvolvimento de outras estruturas sintáticas como as de frases ativas. Ademais, as passivas básicas (ou passivas curtas) são desenvolvidas antes das não básicas (ou passivas longas). No caso de PM, destaca-se o surgimento de passivas dativas em oposição ao PE, ao PB e ao português de São-Tomé. É nesse contexto que nos interessa observar, na variedade moçambicana em emergência, os mecanismos de passivização envolvendo verbos monotransitivos e ditransitivos e a frequência com que ocorrem as passivas.

## 2. Metodologia

Os dados que constituem a base empírica deste trabalho são orações passivas divergentes e convergentes em relação ao PE. Para a recolha desses dados, solicitámos aos nossos informantes que escrevessem as passivas que achassem possíveis das seguintes frases ativas: (1) *As meninas do interior compraram muitas missangas*; (2) *O João comprou um livro ao Paulo*; (3) *O Paulo ofereceu um livro bonito à Maria*. Enquanto as

<sup>7</sup> Tradução da frase 2 a. para o *xangana*.

<sup>8</sup> Tradução da frase 2 a. para o *nyungwe*.

primeiras duas frases têm um verbo monotransitivo, a terceira tem um verbo ditransitivo. Em todos os casos, temos verbos de ação, com os quais esperávamos que os informantes construíssem passivas agentivas curtas ou longas (cf. ESTRELA, 2012; DUARTE, 2013).

Nossos informantes são de ambos os sexos e tinham idades entre os 18 e 30 anos. São falantes de línguas de origem *bantu* (*xangana, ronga e nyugwe*) como línguas maternas ou como adicionais e de português como segunda língua, cuja competência é desenvolvida através do processo formal de ensino-aprendizagem. No total, foram cerca de 300 indivíduos que, através do exercício proposto, deram informação referente à construção de orações passivas em português. Enquanto a recolha dos dados de informantes de escolaridade média teve lugar em instituições de ensino secundário da cidade de Maputo, a do subgrupo de estudantes universitários teve lugar em instituições sedeadas na cidade de Maputo e na vila de Songo.

A análise dos dados é baseada em uma abordagem mista. Tal estratégia permite-nos, através da metodologia quantitativa, a observação da relação, em termos estatísticos, entre as realizações que se conformam com o PE e as que representam casos particulares e característicos do PM. Para além disso, esse método de estudo garante a avaliação da (di)semelhança das tendências entre o subgrupo de escolaridade média e o de escolaridade avançada. Ainda, o estudo qualitativo permite-nos distinguir as diferentes estratégias a que um e outro subgrupos recorrem para a construção de orações passivas e, ao mesmo tempo, revela as principais diferenças entre as passivas particulares do PM e as passivas que ocorrem noutras variedades do português como a são-tomense, a europeia e a brasileira.

Nesse contexto, os dados estatísticos são apresentados em três tabelas. Na primeira, apresentamos dados gerais referentes a estruturas passivas escritas por todos os nossos informantes. Na segunda e na terceira tabelas, apresentamos dados do subgrupo de informantes de escolaridade média e do subgrupo de estudantes universitários, respetivamente. Nestas tabelas, os dados estão distribuídos em função das características do verbo no que concerne à sua estrutura argumental. Assim, consideramos um verbo não ditransitivo (*non-ditransitive verb*) *comprar* - que apenas seleciona um único objeto, nesse caso o OD - e um verbo ditransitivo (*core ditransitive verb*) *oferecer* - que seleciona um OD e um OI.

Essa escolha fundamenta-se pelo fato de os argumentos dos verbos serem alvos de processos transformacionais na passagem de ativas para passivas. Nesse âmbito, considerando a tendência de ocorrência de passivas dativas já indicada por estudiosos do PM (GONÇALVES, 1990; 2005; 2010, entre outros), interessa-nos avaliar, em termos quantitativos e em subgrupos diferentes, os índices de ocorrências dessas passivas, em comparação com as ocorrências conforme o PE. Ademais, é deveras importante identificar as tendências na construção de orações passivas envolvendo os dois tipos de verbos (monotransitivos e ditransitivos).

Conforme temos vindo a referir, recorreremos à norma do PE para a identificação das estratégias de transformação de orações ativas em passivas convergentes e divergentes. Não considerámos as realizações do PM como *erradas* e, por conta desse posicionamento, nesta secção de análise de dados, não as vamos marcar como agramaticais. Logo, analisamo-las simplesmente como realizações diferentes do PE, resultantes, por um lado, do contato entre o português e as línguas *bantu* e, por outro, como consequência do fenómeno de mudança linguística a que se sujeita o português, no âmbito do processo da sua nativização/apropriação (cf. FIRMINO, 2008) pelos moçambicanos.

### 3. Passivas do PM

Os dados gerais sobre a construção de orações passivas por subgrupos de escolaridade média e avançada falantes moçambicanos de português como segunda língua são apresentados na Tabela 1, a seguir, a qual indica os valores quantitativos das ocorrências conforme o PE em oposição às novas realizações peculiares do PM.

**Tabela 1: Dados gerais de construção de orações passivas**

Verbos não ditransitivos (292 (100%))	Verbos ditransitivos (211 (100%))
<b>Realizações convergentes</b>	
254 (87%)	101 (48%)
<b>Realizações divergentes</b>	
38 (13%)	110 (52%)

**Fonte:** AUTOR (2020)

A Tabela 1 indica que a construção de passivas eventivas (cf. DUARTE, 2013; ESTRALA, 2014) envolvendo verbos de ação monotransitivos e em conformidade com o PE supera significativamente o índice de realizações particulares do PM. Conforme se pode observar, 87% de construções de orações passivas, com verbos como *comprar*, obedecem aos preceitos transformacionais previstos no PE, contra 13% de realizações inovadoras do PM.

No entanto, no que concerne aos verbos ditransitivos (os que selecionam um OD e um OI), a Tabela indica que as realizações de acordo com as novas estratégias dos falantes moçambicanos de português ultrapassam, ainda que ligeiramente, as realizações convergentes com o PE. Nesse contexto, enquanto 52% de estruturas passivas obedecem às novas estratégias de construção de orações passivas que emergem no PM, apenas 48% correspondem às realizações conforme o PE.

Nas Tabelas 2 e 3 a seguir, comparamos dados do subgrupo de informantes de escolaridade média (Tabela 2) com os do subgrupo de estudantes universitários (Tabela 3). Nestas, apresentamos as frases passivas produzidas pelos nossos informantes e os respectivos índices de ocorrências divergentes e convergentes em relação ao PE.

**Tabela 2: Construção de orações passivas por informantes de escolaridade média**

Verbos não ditransitivos (187 (100%))		Verbos ditransitivos (113 (100%))	
<b>Realizações convergentes</b>			
Muitas missangas foram compradas pelas meninas do interior.	84 (45%)	Um livro foi comprado ao Pedro pelo João.	72 (39%)
		Um livro bonito foi oferecido à Maria pelo Paulo.	47 (42%)
<b>Realizações divergentes</b>			
	0 (0%)	O Pedro foi comprado um livro pelo João.	31 (16%)
		A Maria foi oferecida, pelo Paulo, um livro bonito.	56 (50%)
		O livro bonito da Maria foi oferecido pelo Paulo.	10 (8%)

Fonte: AUTOR (2020)

**Tabela 3: Construção de orações passivas por estudantes universitários**

Verbos não ditransitivos (105 (100%))		Verbos ditransitivos (98 (100%))	
<b>Realizações convergentes</b>			
Muitas missangas foram compradas pelas meninas do interior.	63 (60%)	Um livro foi comprado ao Pedro pelo João.	35 (33%)
		Um livro bonito foi oferecido à Maria pelo Paulo.	54 (55%)
<b>Realizações divergentes</b>			
	0 (0%)	O Pedro foi comprado um livro pelo João.	7 (7%)
		A Maria foi oferecida, pelo Paulo, um livro bonito.	44 (45%)

Fonte: AUTOR (2020)

A observação das Tabelas 2 e 3 revela uma semelhança de tendências na construção de passivas eventivas com os verbos de ação como *comprar*. Em ambos os subgrupos, registram-se índices elevados de realizações convergentes com o PE. Essas realizações representam, no subgrupo de informantes de escolaridade média, 45% e 39% de ocorrências, contra 16% de estruturas divergentes (Tabela 2), enquanto no subgrupo de estudantes universitários, ocorrem 60% e 33%, contra 7% de realizações particulares do PM (Tabelas 3).

Já no que concerne à construção de passivas de verbos ditransitivos como *oferecer*, as duas tabelas indicam uma ligeira diferença entre os dois subgrupos. Enquanto no subgrupo de informantes de escolaridade avançada, cujos dados estão apresentados na Tabela 3, as realizações convergentes com o PE, com 55% de ocorrências, ultrapassam o índice de realizações que consideramos particulares do PM, com 45% (Tabela 3); no subgrupo de escolaridade média, observamos que estas últimas tendências, com 50% e 8% de casos, ultrapassam as estruturas conforme o PE, com 42% (Tabela 2). Entretanto, apesar de os dados indicarem uma ligeira mudança com o avanço na escolaridade, os dados dos dois subgrupos revelam valores percentuais significativos da construção de passivas com recurso à estratégia particular de falantes do PM, que consiste em usar o sintagma nominal (SN) complemento da preposição com a função de OI (em verbos ditransitivos) como sujeito da passiva, dando lugar às chamadas passivas dativas (cf. GONÇALVES, 2010).

Mais ainda, a análise das duas tabelas (2 e 3), em que se observam menos realizações divergentes do PE envolvendo verbos não ditransitivos, permite-nos afirmar que é na construção de passivas (longas e curtas) de verbos que selecionam OD e OI, como é o caso de *oferecer*, que se registra, com maior expressão, a mudança do PE, como consequência do processo de apropriação do português pelos falantes moçambicanos.

#### 4. Discussão

Uma das questões que norteiam este estudo relaciona-se aos índices de realizações conforme o PE em comparação com as realizações particulares do PM. É preciso sublinhar que a relevância desta questão, neste estudo em particular, reside no fato de permitir a avaliação quantitativa do uso de diferentes estratégias (as do PE, por um lado, e as novas emergentes no PM, por outro) na construção de passivas eventivas de verbos que selecionam um argumento interno (OD), em oposição aos que selecionam dois argumentos (OD e OI).

Nesse contexto, a análise das três tabelas indica que as realizações segundo o PE superam as realizações emergentes no PM, sobretudo quando o verbo em causa for monotransitivo. Tendência contrária observa-se quando o verbo for ditransitivo em que o recurso a estratégias do PM supera o uso dos preceitos do PE. A questão que se despoleta

com esta situação - em que com verbos monotransitivos prevalecem os usos do PE, enquanto com os ditransitivos sobressaem estratégias do PM – relaciona-se com as decisões a tomar sobre a variedade moçambicana do português: perpetuar a apreciação das realizações do PM como erradas? Ou legitimar os novos usos da língua como autênticos e funcionais?

Constatando que as realizações do PM na passivização dos verbos ditransitivos, com 52% de ocorrências, ultrapassam as realizações do PE, com 48% de casos (Tabela 1), considerando vários argumentos sobre a sistematicidade e a estabilidade dos aspetos da nova gramática do PM (GONÇALVES, 1996), bem como os argumentos a favor da sua normatização (NHATUVE, 2017), achamos que um possível instrumento normativo do PM deve ser inclusivo, na medida em que considere os aspetos do PE prevaletentes, como é o caso dos mecanismos de passivização dos verbos monotransitivos, e os aspetos emergentes do PM que se revelarem estáveis e sociolinguisticamente explicáveis, como é o caso da construção de passivas dativas (cf. GONÇALVES, 1990; 1996; 2002; 2010).

O fato de os verbos monotransitivos serem passivizados em conformidade com o PE sem dificuldades significativas pelos falantes do PM, em oposição aos verbos ditransitivos que impõem o recurso a novas estratégias, confirma a percepção de que a natureza dos verbos e a sua estrutura argumental são determinantes no processo de construção de passivas por falantes do PM. Aliás, as estruturas passivas de verbos ditransitivos (conforme o PM) construídas pelos nossos informantes (exemplo 4 a.) revelam (1) a sua semelhança com casos das línguas *bantu xangana*, *ronga* (exemplo 4 b.) e *nyungwe* (exemplo 4 c.), (2) a mudança da estrutura argumental dos verbos no PM (exemplo 4 d.) como fruto do contato linguístico e (3) a preferência pelos elementos com traços [+Humano] como sujeitos (exemplo 4 e.).

#### **Exemplo 4:**

- a. A Maria foi oferecida, pelo Paulo, um livro (PM). vs Um livro foi oferecido à Maria pelo Paulo (PE).
- b. Maria anyikiwile buku hi Paulo (*xangana*) (A Maria foi dada um livro bonito pelo Paulo).

- c. Maria wapasiwa buku na Paulo (*nyungwe*) (A Maria foi dada um livro bonito pelo Paulo).
- d. Paulo deu um livro bonito Maria (tendência de construções de duplo objecto no PM – cf. Gonçalves [1991; 2010]).
- e. O Pedro foi comprado um livro pelo João (passiva de *O João comprou um livro ao Pedro*).

Com base nos exemplos em 4 e na observação das Tabelas 2 e 3, pode considerar-se que a hipótese de maturação linguística (BORER; WEXLER, 1987) como explicativa de aquisição tardia e/ou de dificuldade na construção de passivas e, sobretudo das passivas não básicas, neste caso concreto, de verbos ditransitivos, não é aplicável no caso do PM: em primeiro lugar, pelo fato de o PM se desenvolver com base na aprendizagem, excluída desta hipótese; em segundo, pelo fato de os nossos informantes serem todos jovens para os quais não se pode considerar a hipótese de maturação/desenvolvimento do dispositivo biológico de aquisição da linguagem como fator de dificuldade linguística. Igualmente, não se pode invocar com segurança a hipótese da influência do *input* linguístico (DEMUTH, 1989), considerando que a escola moçambicana ensina oficialmente o PE, e, paradoxalmente, os falantes desenvolvem uma gramática diferente.

Nesse caso, parece-nos mais seguro encontrar explicação das tendências dos falantes do PM na construção de passivas de verbos ditransitivos, por um lado, no contato linguístico, considerando a semelhança das estruturas do PM com as do *xanganga* e *nyungwe* (cf. exemplo 4 a. vs 4 b. e 4 c.), em termos de distribuição de elementos sintáticos (cf. GONÇALVES, 1990; 2002); por outro, deve encontrar-se a explicação do surgimento de passivas dativas no PM no fenômeno da mudança linguística, na medida em que as passivas em causa são consequência da mudança da estrutura argumental dos verbos, passando a registrar-se a ocorrência de construções de duplo objeto (exemplo 4 d.) (GONÇALVES, 1990; 2002; 2010).

Outrossim, os exemplos com o verbo ditransitivo *oferecer* (4 a.) e com o verbo monotransitivo *comprar* (4 e., este último com ocorrências equivalentes a 16% e 7%, respetivamente nos dados dos informantes de escolaridade média e superior nas Tabelas 2 e 3) revelam a preferência pelo uso de elementos com traços [+Humano] como sujeito de

frases e de estruturas passivas em particular (GONÇALVES, 1990), à semelhança do que ocorre em línguas *bantu* e também em inglês.

Essa situação, considerando que, de forma geral, o constituinte com o papel temático de Recipiente na matriz argumental do verbo ditransitivo tem tido traços [+Humano] ou [+Animado], favorece a construção de passivas dativas no PM, em que, na verdade, se observa a promoção (transformação) de um OI para sujeito da passiva. Sob o ponto de vista sociolinguístico, parece que as passivas dativas do PM melhor se enquadram no âmbito da nativização/apropriação do português em Moçambique (cf. FIRMINO, 2008).

O fato de os nossos informantes serem jovens falantes de português e a constatação da irrelevância da diferença de realizações do PM entre os dois subgrupos, especialmente no que à construção de passivas de verbos ditransitivos diz respeito, levam-nos a descartar a hipótese de as novas realizações do PM representarem casos de manifestações interlinguísticas (cf. CORDER, 1967; 1981; SELINKER, 1972 sobre a interlíngua).

Relativamente aos diferentes estudos sobre a aquisição das passivas (Gabriel, 2001; Estrela, 2013;) e à teoria sobre a construção destas estruturas (CHOMSKY, 1957; 1965; KEENAN; DRYER, 2006), este estudo confirma a dificuldade dos falantes no processamento das passivas não básicas, especialmente envolvendo verbos ditransitivos. Quanto aos mecanismos transformacionais que se operam na construção de passivas (cf. ABRAHAM, 2006; GIVÓN, 2006; KULIKOV, 2006) e, de forma especial em português (PERES; MÓIA, 1995; DUARTE, 2003), o estudo afasta o PM do PE e do português são-tomense e aproxima-o das línguas *bantu* e do inglês, no que diz respeito à possibilidade de formação de passivas dativas, passando as formas passivas dos verbos a perder a propriedade de intransitividade e a admitir um OD.

### **Considerações finais**

Anunciámos como objetivo deste trabalho a descrição do processo de construção de sentenças passivas envolvendo verbos monotransitivos e ditransitivos em dois subgrupos de falantes do PM. É neste contexto que o estudo revela, em primeiro lugar, que a estrutura argumental dos verbos é determinante na construção de passivas do PM. Enquanto os verbos monotransitivos são, de forma geral, passivizados em conformidade como PE, os

ditransitivos revelam o recurso a estratégias alternativas fruto do contato linguístico e da mudança na estrutura argumental dos verbos, passando a admitir construções de duplo objeto. Em segundo lugar, o estudo revela a irrelevância do fator escolaridade na ocorrência de passivas dativas, na medida em que a diferença quantitativa entre as realizações do PM no subgrupo de escolaridade média e as do subgrupo de estudantes universitários é ligeira (4%) (Tabela 1).

Os resultados indicam ainda que com os verbos ditransitivos, os falantes do PM recorrem ao constituinte com a função temática de Recipiente (OI) como sujeito da frase passiva, estratégia que se conforma com as do inglês e das línguas *bantu*. Esta estratégia ocorre, para além da mudança na estrutura argumental dos verbos, em correspondência à tendência de usar elementos com traços [+Humano] e [+Animado] como sujeitos das frases. Efetivamente, as hipóteses de maturação linguística e da influência do *input* parecem menos adequadas para a explicação do caso de surgimento de passivas dativas no PM, dando lugar às hipóteses de contato e mudança linguísticos e de nativização do português.

Nesse âmbito, o estudo valida as hipóteses 2 e 3 sobre a ocorrência de elevados índices de realizações do PM envolvendo verbos ditransitivos e sobre o fato de estas realizações serem consequência de fenômenos de influência translinguística (interlinguística). No entanto, a hipótese sobre a ocorrência de elevados índices de realizações conforme o PE só se efetiva, em todos os subgrupos, na formação de passivas de verbos monotransitivos, invertendo-se a situação, de modo geral, quando se trata de verbos ditransitivos.

Desta feita, considerando os índices de realizações do PM envolvendo verbos ditransitivos, achamos justo legitimar os usos dos falantes do PM que se revelam consistentes e funcionais sob o ponto de vista linguístico, na medida em que obedecem a estratégias possíveis e resultantes da mudança da língua portuguesa no contexto específico de Moçambique, e sob o ponto de vista social, na medida em que, para além de serem completamente funcionais, é com elas que os moçambicanos se identificam melhor, satisfazendo os propósitos da nativização e/ou moçambicanização do português.

## Referências

- ABRAHAM, W. Introduction: passivization and typology. Form vs. function – a confined survey into the research status quo. *In: ABRAHAM, W; LEISIÖ, L. (ed.) Passivization and typology: form and function.* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006, p. 1-29.
- AUGUSTO, M. R. A; SOUZA, R F. A. Passivas no português brasileiro: considerações acerca da estrutura em uma língua de tópico e o ensino. *In: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 5., 2017. Atas [...].* Lecee, 2017, p. 869-882.
- BORER, H.; WEXLER, K. The maturation of syntax. *In: ROEPER, T.; WILLIAMS, E. (ed.) Parameter setting.* Massachusetts: Reidel, 1987. p. 123-172.
- CHOMSKY, N. *Syntactic structures.* Paris: Mouton - The Hague, 1957.
- CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax.* Cambridge: The MIT Press, 1965.
- CHOMSKY, N. *The minimalist program.* Cambridge: The MIT Press, 2014.
- CORDER, P. The significance of learner's errors. *International Review of Applied Linguistics*, v. 5, p. 161-170, 1967.
- CORDER, P. *Error analysis and interlanguage.* Oxford: Oxford University Press, 1981.
- DEMUTH, K. Maturation and the acquisition of the Sesotho passive. *Language*, v. 65, n. 1, p. 56-80, 1986.
- DEMUTH, K. *et al.* 3-year-olds' comprehension, production, and generalization of Sesotho passives. *Cognition*, v. 115, n. 2, p. 238-251, 2010.
- DUARTE, I. A família das construções inacusativas. *In: MATEUS, M. H. M. et al. (org.). Gramática da língua portuguesa.* Lisboa: Caminho, 2003. p. 507-548.
- DUARTE, I. Construções ativas, passivas, incoativas e médias. *In: RAPOSO, E. B. et al. (org.) Gramática do português.* Lisboa: Caminho, 2013. p. 430-460.
- ESTRELA, A. A. P. *A Aquisição da estrutura passiva em português Europeu.* Tese (Doutorado em em Linguística) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Unidade Acadêmica, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013.
- ESTRELA, A. A passiva em português europeu: questões de aquisição. *In: PEREIRA, M. I; FERREIRA-GONÇALVES, G. (org.) Verba Volant*, v. 3, n. 2, p. 1-21, 2012.
- ESTRELA, A. A aquisição de passivas eventivas, resultativas e estativas em português europeu: um estudo experimental. *Textos Seleccionados, XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Porto, APL, p. 237-248, 2014.
- FIRMINO, G. Aspectos da nacionalização do português de Moçambique. *Veredas: revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, Porto Alegre, v. 9, p. 115-135, 2008.

- GABRIEL, R. *A Aquisição das construções passivas em português e inglês: um estudo translinguístico*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- GIVÓN, T. Grammatical relations in passive clauses: A diachronic perspective. In: ABRAHAM, W; LEISIÖ, L. (ed.) *Passivization and typology: form and function*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006. p. 337-352.
- GONÇALVES, PG. The role of ambiguity in second language change: the case of Mozambican African Portuguese. *Second Language Research*, v. 18, n. 4, p. 325-347, 2002.
- GONÇALVES, PG. *Português de Moçambique: uma variedade em formação*. Maputo: Livraria Universitária-UEM, 1996.
- GONÇALVES, PG. Português de Moçambique: problemas e limites de padronização de uma variante não-nativa. In: SINNER, C. (ed.) *Norm und Normkonflikte in der Romanian*. Munich: Peniopol, 2005. p. 184-195.
- GONÇALVES, PG. *A génese do português de Moçambique*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2010.
- GONÇALVES, P. et al. *Panorama do português oral de Maputo – Volume I: Objetivos e Métodos*. Maputo: INDE, 1997.
- GONÇALVES, R. M. G. *Costruções ditransitivas no Português de São-Tomé*. Tese (Doutorado em Linguística) –Faculdade de Letras Unidade Acadêmica, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016.
- GONÇALVES, M. P. M. *A construção de uma gramática do português de Moçambique: aspetos da estrutura argumental dos verbos*. Tese (Doutorado em Linguística Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1990.
- KEENAN, E. L; DRYER, M. S. Passive in the world's languages. *CUUK170B-Shopen*, v. 1, p. 225-265, 2006.
- KULIKOV, L. Passive and middle in Indo-European: Reconstructing the early Vedic passive paradigm”. In: ABRAHAM, W; LEISIÖ, L. (ed.) *Passivization and typology: form and function*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006. p. 62-83.
- NHATUVE, D. Reflexão sobre a normatização do Português de Moçambique. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 1997-2007, 2017.
- NHATUVE, D. J. R; FONSECA, M. C. Aspectos da sintaxe do português falado no sul de Moçambique. *Revista de Letras*, v. 2, n. 11, p. 145-156, 2012.
- PERES, J. A; MÓIA, T. *Áreas críticas da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1995.
- SELINKER, L. Interlanguage. *International Review of Applied Linguistics in Language Teaching*, v. 10, p. 209-231, 1972.

TEIXEIRA, M. T.; OTHERO, G. A. Aquisição de sentenças passivas: uma retrospectiva teórico-experimental. *Forum Linguístico*, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 3241-3258, 2018.